



HISTÓRIA E CIDADANIA

XIX Simpósio Nacional
de História-ANPUH

Organizadores
Ismênia de Lima Martins
Rodrigo Patto Sá Motta
Zilda Gricoli Iokoi

HISTÓRIA E CIDADANIA

XIX Simpósio Nacional da ANPUH
Belo Horizonte - MG - julho de 1997

vol. I

ANPUH
Humanitas
PUBLICAÇÕES
FFLCH/USP

1998

Sexualidade e identidade na historiografia brasileira

Luzia Margareth Rago
Universidade Estadual de Campinas

A preocupação em “inventar o Brasil”, em descobrir nossas supostas raízes históricas marcou o horizonte de muitos historiadores dos anos 20 e 30¹. Envolvidos com a tarefa de encontrar as formas de superação dos obstáculos ao desenvolvimento social e econômico, perguntaram-se pelas características essenciais do povo brasileiro, pelo passado que nos havia constituído como tal.

Para aquela geração, tratava-se de definir nossa suposta identidade cultural, encontrando os pontos fixos, ou a tão prestigiada “essência”, oculta nas profundezas da terra e da psique. Tratava-se de compreender o passado para transformar o presente: romper com as pesadas tradições que emperravam o progresso e entrar no compasso da História. O leque de questões que eles se colocavam tinha por objetivo entender os problemas sociais e a incapacidade de nos construirmos como uma nação moderna, rica e poderosa, a exemplo dos Estados Unidos.

Quase todos esses autores davam especial ênfase à índole pacífica, acomodada e preguiçosa do povo brasileiro. Sérgio Buarque de Hollanda se perguntava por que a modernidade não se completava no país, quais eram os entraves à formação da esfera pública no Brasil, tentando perceber as linhas tendenciais de uma possível modernização transformadora.

São consagrados os trabalhos produzidos nessa época, como *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a tristeza brasileira*, de Paulo Prado, publicado em 1928, *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre e *Evolução política do Brasil*, de Caio Prado, de 1933 e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda, de 1936². Esses brilhantes estudos formaram inúmeras gerações, tornando-se nossa principal referência acerca de nós mesmos.

Vale notar que, nesses livros, é basicamente em torno da *dimensão sexual* que se produz a referência maior das características que explicam o povo brasileiro, sua índole e sua vocação. O desenvolvimento histórico que se observa ao longo de nossa história estaria contido, em germe, nesses traços que se constituíram nas relações primárias que se estabeleceram na “infância” do Brasil, quando chegaram os primeiros conquistadores e se iniciou o processo de miscegenação racial.

Alguns historiadores, a exemplo de Ronaldo Vainfas, questionaram a imagem desregrada da Colônia, produzida pelos observadores dos primeiros séculos da colonização e reproduzida pelos historiadores, encontrando muitas regras e formas de culpabilização, onde outros viram apenas caos e descompromisso. “À fornicação tropical não faltaram, pois, normas bem rígidas. (...) Por mais sexualmente intoxicada que tenha sido a Colônia, como quer Gilberto Freyre, os valores da família, mescla da cultura popular e do discurso oficial se fizeram presentes”³.

Contudo, nos limites de nosso texto, não se trata precisamente de decidir sobre a moralidade ou imoralidade historicamente existente no país, mas de destacar a importância que o discurso da sexualidade assume na leitura que fazemos de nossas origens históricas. Como observou o antropólogo norte-americano Richard Parker, que nos chama a atenção para este ponto, a noção da sexualidade não está apenas presente na percepção que cada indivíduo faz de sua existência, mas na auto-interpretação de toda a sociedade⁴. “É uma visão que se tornou cada vez mais acentuada em anos recentes nas

histórias que os brasileiros escolheram para relatar sobre si próprios, como um povo”⁵.

A TRISTEZA BRASILEIRA

Neste ensaio inaugural, Prado procura explicar o Brasil, construindo seu mais fiel retrato. Inicia definindo a principal característica do povo brasileiro, comparado ao pássaro jaburu, na epígrafe de Capistrano de Abreu. Logo na primeira página, o autor afirma: “Numa terra radiosa vive um povo triste”. Nas seguintes, Prado explicita o significado da tristeza, que passa progressivamente a denominar, a partir de um vocabulário médico, de melancolia. Somos, então, informados de que melancolia é o estado físico e psíquico decorrente da “hiperestesia sexual”. De tantos excessos sexuais e vícios da multiplicação das “uniões de pura animalidade”, desde os inícios da colonização no Brasil, tornamos um povo triste, cansado, prostrado.

A história do Brasil é o desenvolvimento desordenado dessas obsessões subjugando o espírito e o corpo de suas vítimas. Para o erotismo exagerado contribuíram como cúmplices – já dissemos – três fatores: o clima, a terra, a mulher indígena ou a escrava africana. Na terra virgem tudo incitava ao culto do vício sexual (...). Desses excessos de vida sensual ficaram traços indelévels no caráter brasileiro. Os fenômenos de esgotamento não se limitam às funções sensoriais e vegetativas; estendem-se até o domínio da inteligência e dos sentimentos. Produzem no organismo perturbações somáticas e psíquicas, acompanhadas de profunda fadiga, que facilmente toma aspectos patológicos, indo do nojo até o ódio. (p.120)

187

Este traço original que marca definitivamente a cultura brasileira desde os primórdios da colonização será responsável pela incapacidade atávica de evoluirmos, pela não-realização da Modernidade brasileira. Ao contrário dos povos de origem puritana, como os norte-americanos, nos quais o lado racional e administrador é mais forte do que o instintivo, o Brasil não consegue romper com o passado arcaico, pesado, conservador e autoritário, que entrava sua marcha rumo ao progresso.

É interessante lembrar que de 1928 é também a famosa obra de Mário de Andrade, *Macunaíma*, aliás, dedicada a Paulo Prado. O herói, ou anti-herói, é um homem da natureza, como os nossos antigos habitantes, sem nenhum caráter, que se diverte todo o tempo “brincando com as cunhãs”, ou meretrizes, que, por sua vez, se divertem e deliram todo o tempo⁷. Não é à toa que até seu ingresso na civilização, sua entrada na cidade barulhenta de São Paulo, seu contato repentino com as máquinas se faz através de três lindas e alvas “cunhãs”, com quem ele passa a noite e para quem paga quatrocentos “bangarotes”.

A inteligência do herói estava muito perturbada. As “cunhãs” rindo tinham ensinado pra ele que o sagüi-açu não era sagüim não, chamava elevador e era uma máquina. De-manhãzinha ensinaram que todos aqueles piados berros cuquiadas sopros roncões esturros não eram nada disso não, eram mas cláxons campainhas apitos buzinas e tudo era máquina⁸.

Assim, são as prostitutas que fazem a passagem do herói do reino da natureza para a civilização, da terra verdejante para o mundo das máquinas, a mercantilização do sexo sendo a primeira relação capitalista que vive o herói.

Entre a história e a literatura, portanto, emerge um povo indolente, fraco e fortemente sexualizado, traço que indica seu grau de atraso cultural, o predomínio do lado instintivo sobre o racional, o que o torna, por sua vez, inadequado para construir a Modernidade, para se tornar um cidadão de primeiro mundo.

Mas vale perguntar por que a cultura sexual descrita por Prado seria origem de nossa tristeza e não de nossa alegria, como aparece em Mário? É verdade que Prado é conhecido como membro da elite oligárquica decadente, representante de seu pessimismo em termos da avaliação do país, às vésperas das transformações políticas de 1930. Medo da degeneração da raça, do escurecimento em vez do embranquecimento populacional que tanto queriam, medo do predomínio do instinto sobre a razão, medo de uma “*psyché* racial” que nos predeterminaria ao fracasso. Em seu en-

saio, os viajantes do século XIX são invocados para reforçar esta visão pessimista: para John Luccock, por exemplo, que não ouviu gritos no Brasil até 1810, depois da chegada da corte portuguesa, “todos parecem de língua atada”⁹.

A visão pessimista sobre o povo brasileiro, nessa direção, parece assentar na própria concepção altamente negativa da sexualidade que tem o próprio autor, para além de toda a influência do darwinismo social em sua obra. Afinal, o excesso de energia sexual, a abertura para o outro, a facilidade de contato físico, em princípio, poderiam não ser percebidos como fatores negativos na constituição de um povo. Aliás, ainda está para ser esclarecido por que o desejo sexual deveria ser o principal traço da “psique nacional”, questão que obviamente não incomodou os pensadores do século XIX e meados do XX. Dando visibilidade à questão, Foucault afirma a necessidade de compreender por que a sexualidade se converteu, nas culturas cristãs, no “sismógrafo de nossa subjetividade.” E completa:

É um fato, um fato misterioso, que dentro desta espiral indefinida da verdade e da realidade, a própria sexualidade se tenha transformado de primeira importância desde os primeiros séculos de nossa era. Cada vez é mais importante. *Por que existe uma conexão tão íntima entre sexualidade, subjetividade e obrigação com a verdade?*⁶

Certamente, os historiadores basearam-se em importantes fontes documentais para construir suas interpretações históricas de nosso passado, e certamente os viajantes, inquisidores, colonizadores que desvendaram o país, desde o século XVI, além do olhar masculino, traziam toda a bagagem de preconceitos culturais da Europa renascentista, através da qual codificaram as práticas sociais e sexuais, como mostrou Vainfas. Assim, enxergaram nas práticas sexuais dos indígenas todos os vícios que o cristianismo lhes ensinava ver. As índias nuas foram transformadas em “ninfomaníacas” e “devassas”, segundo as classificações das “perversões sexuais” elaboradas pelo médico vienense Von Kraft-Ebing, em meados do século XIX. A representação instituiu-se como fato, e, ape-

nas recentemente alguns trabalhos têm desconstruído essas imagens, entre misóginas e racistas, veiculadas pela documentação¹¹.

Parece-me, além disso, que é o discurso médico não-citado, apenas referido, que constitui a matriz das interpretações científicas de Prado sobre o povo e a raça brasileiros. Ora, sabe-se, desde Foucault, o quanto este discurso, instituidor das referências modernas sobre a sexualidade, é severo, moralista e sexista¹². Para os médicos do século passado, o desejo sexual era visto como força ameaçadora, vulcânica, destrutiva que deveria ser combatida e bem administrada pelo intelecto. Segundo o doutor Heredia de Sá:

o homem sequioso do prazer venéreo sente-se atormentado por necessidade imperiosa, irresistível, uma excitação espantosa vivifica seu organismo, um fogo ardente abrasa seus órgãos, as artérias pulsam com excessiva força, os olhos incendeiam-se com brilho sobrenatural, sua face colora, sua respiração se torna anelante, as partes genitais se intumescem, se congestam e nelas se experimenta um sentimento de ardor e titilamento. O pensamento não tem mais força, a vontade não domina, todas as faculdades estão concentradas em a idéia fixa; (...). (1845)

Obcecados com a sexualidade, voyeuristas disfarçados, os homens da ciência não paravam de falar da sexualidade desde o século XIX, como apontou Foucault, principalmente para condená-la. Todas as práticas sexuais foram postas sob o signo do discurso científico, classificadas, contidas e condenadas. Dir-se-ia que a ciência domou o sexo, com medo de ser dominada¹³.

Em relação à prostituição, por exemplo, o doutor Ferraz de Macedo, por exemplo, classificava as prostitutas do Rio de Janeiro por volta de 1872, como “degeneradas natas”, signos da involução das espécies: sub-raça. Seus pares insistiam na ausência de instinto sexual nas “mulheres castas”, a não ser para fins reprodutivos. Juristas como o doutor Viveiros de Castro, ao lado dos médicos, enxergavam onanistas, pedófilos, homossexuais, tribades, perversos sexuais em quase todos os cantos da cidade. Especialmente importante foi a condenação da masturbação, masculina e feminina, vista como caminho certo para a loucura. Segundo o discurso médico:

O onanismo reina como senhor entre a mocidade dos colégios e casas de educação. (...) Com a reclusão, a instigação diária e muitas vezes quase contínua da excitação vai, pouco a pouco, embotando as faculdades intelectuais, o seu desenvolvimento orgânico não continua; há mesmo parada do desenvolvimento geral do organismo, enquanto que o dos órgãos solicitados se faz com assustadora precocidade¹⁴.

Como procede Paulo Prado para definir a identidade nacional? Seu primeiro passo é nutrir-se do discurso médico para organizar sua percepção da sociedade e construir uma representação da sexualidade dos habitantes do país, incorporando assim, ou reforçando seus próprios preconceitos. Todas as “verdades” médicas sobre a sexualidade são reproduzidas pelo historiador. Segundo passo: sobre esta base interpretativa, ele elabora sua leitura da identidade nacional, generalizando para todos os brasileiros/as uma forte dose de sensualidade, uma sexualidade latente, transbordante, irradiadora para todas as outras dimensões físicas e psíquicas. O terceiro movimento lhe escapa: é a reprodução e a apropriação destas teses por seus pares.

Assim, o discurso médico sobre o corpo e a sexualidade é apropriado como verdade científica, o que equivale dizer, aceito acriticamente pelos historiadores, servindo-lhes de fundamento para construir a interpretação de uma “psique nacional” que, triste ou alegre, passa pela perversão, pelo predomínio do instinto sobre a razão, por tudo aquilo, portanto, que impossibilita a formação do indivíduo racional, cidadão apto a participar da esfera pública e administrar o bem público. Do olhar dos viajantes e inquisidores à historiografia, essas misóginas e fantasiosas representações sobre a “realidade brasileira” foram reproduzidas e repetidas indefinidamente, ensinando-nos de certo modo quem era e o que seria ser o brasileiro¹⁵.

O resultado é a construção de um campo discursivo que, de ordem biológica, reforça a estigmatização do outro percebido como desvio, monstruosidade, diferença. Etnocêntrico e xenóforo, percebe o outro biologicamente como raça inferior; falocên-

trico, institui o masculino como lugar da verdade e da perfeição. As índias nuas – pura animalidade – querem dar..., pois vivem em estado de natureza, e não de sociedade. No reino da natureza exuberante, só mesmo a sexualidade desvairada poderia ter espaço... O Brasil não teria chances então?

A ALEGRIA BRASILEIRA

Será preciso outro famoso autor, Gilberto Freyre, para nos devolver parcialmente a alegria e notar como a vida sexual no Brasil é positiva, responsável aliás pela “democracia racial”, apesar da propagação das doenças venéreas, principalmente a sífilis. O povo brasileiro se origina da *miscegenação das três raças* que, no Brasil especialmente, não tiveram maiores problemas para se fundir, pois a atração sexual foi mais forte do que as exigências legais e racionais de união entre os diferentes. Daí uma cultura particular, marcada pela cordialidade, pela leveza, pelo instinto, pelo corporal e pela tolerância.

192

As relações primárias em Freyre se caracterizariam pela intensa atividade sexual:

O ambiente em que começou a vida brasileira foi de quase intoxicação sexual.

O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. Muitos clérigos, dos outros, deixaram-se contaminar pela devassidão. As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho.¹⁶

Inspirando-se em Paulo Prado, Freyre constrói sua argumentação a respeito das origens do povo brasileiro:

Paulo Prado salienta que o “desregramento do conquistador europeu” veio encontrar-se em nossas praias com a “sensualidade do índio”. Da índia, diria mais precisamente. Das tais cablocas “priápicas”, doidas por homem branco.¹⁷

É interessante observar que um historiador competente como Freyre tome a documentação tão literalmente, encontrando aí a verdade mesma sobre a índole do povo brasileiro, constituída a partir de toda uma tradição de licenciosidade, cujas raízes por sua vez teriam vindo das índias e caboclas “priápicas” e de portugueses aventureiros, “garanhões desbragados”.

Quanto ao colonizador, a ausência de “consciência de raça” no “português cosmopolita e plástico” marca nossa formação radicalmente. O português que vem é “predisposto para a colonização híbrida e escravocrata” pela influência africana em seu sangue, pelo sangue um pouco mouro; o ar quente e oleoso da África, amolecendo as instituições. A “moura encantada”, envolta em misticismo sexual, imagem deixada pelo contato com os sarracenos para os portugueses, foi projetada aqui nas índias, banhando-se nos rios, “gordas como as mouras” e menos ariscas: “Por qualquer bugiganga ou caco de espelho estavam se entregando, de pernas abertas, aos ‘caraíbas’ gulosos de mulher”¹⁸.

Retomando Paulo Prado, afirma:

Atraídos pelas possibilidades de uma vida livre, inteiramente solta, no meio de muita mulher nua, aqui se estabeleceram por gosto ou vontade própria, muitos europeus do tipo que Paulo Prado retrata em traços de um vivo realismo. Garanhões desbragados.”¹⁹

A sexualidade adquire ainda uma dimensão muito poderosa em sua interpretação histórica do Brasil, na medida em que é fator fundamental na determinação das relações que se estabelecem na esfera pública. O público molda-se por modelos emprestados do mundo privado, segundo ele, e aí as relações primárias são sobretudo marcadas pelo sado-masiquismo. Assim, o modelo de relação sexual sado-masiquista entre senhor e escrava passou para a esfera pública.

Mas esse sadismo de senhor e o correspondente masiquismo de escravo, excedendo a esfera da vida sexual de doméstica, tem-se feito sentir, através da nossa formação, em campo mais largo: social e político. Cremos surpreendê-los em nossa vida política,

onde o mandonismo tem sempre encontrado vítimas em quem exercer-se com requintes às vezes sádicos; certas vezes deixando até nostalgias logo transformadas em cultos cívicos, como do chamado “marechal de ferro”²⁰.

Ainda assim, e seguindo pois seu raciocínio, o patriarcado permitiu a estabilidade social, garantiu a coesão social que, de outro modo, estaria perdida:

A verdade é que em torno dos senhores de engenho criou-se o tipo de civilização mais estável na América Hispânica; e esse tipo de civilização, ilustra-o a arquitetura gorda, horizontal, das casas-grandes.²¹

CASA-GRANDE E SENZALA X MODERNIDADE URBANA

Sérgio Buarque, em *Raízes do Brasil*, embora não se refira à sexualidade como lugar de constituição e origem da personalidade do homem brasileiro, de certa forma compromete-se com este imaginário sexual ao desenhar a figura de cordialidade essencial do brasileiro. Apesar de concordar plenamente com sua análise sobre as dificuldades de construção da moderna esfera pública entre nós, não deixa de ser curioso o peso dado à sexualidade para explicar a índole emotiva que caracteriza o “homem cordial”.

Herdeiro dos portugueses “personalistas” que para cá vieram, ele é o produto de uma pesada tradição marcada pelo personalismo, pelo ruralismo, pelo patriarcalismo e sobretudo por uma forma de colonização aleatória, onde importava muito mais atender aos caprichos pessoais do que a um planejamento racional. O “aventureiro” e o “semeador” predominaram sobre o “trabalhador” e o “ladrilhador”, responsáveis pela colonização espanhola, produzindo uma figura mais emotiva e instintiva que racional, portanto, mais para anti-moderno. A mentalidade da casa-grande invadiu as cidades e conquistou as profissões, diz ele, até as mais humildes; o culto da personalidade predominou sobre o fortalecimento dos laços de solidariedade, a ética da aventura sobre a do trabalho; as cidades cresceram à mercê do momentâneo dado

o espírito “livre” e avesso a compromissos dos colonizadores; tudo contribuiu, enfim, para formar uma ética anti-moderna, uma sexualidade permissiva e ao mesmo tempo corrosiva. Nem mesmo orgulho da raça tiveram os portugueses, que se fundiram com os negros e os índios sem problema algum, sem impor nenhuma barreira étnica ou sexual. Os valores morais não se firmaram nunca entre nós.

Pater poder incontestado e ilimitado, o predomínio da família e da casa-grande sobre o Estado e a vida pública, a ditadura do campo sobre as cidades e a extensão do poder da esfera privada impediram a formação do conceito de cidadania no país. Os problemas decorrentes do fato de que na estrutura familiar patriarcal, “as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós”²² – daí a “cordialidade brasileira”, o sentimento de que tudo nos é familiar, o desejo de estabelecer intimidade – são nosso maior obstáculo para nos tornarmos modernos.

Richard Sennett pode nos ser bastante útil para compreender a problemática do não-formação da esfera pública no Brasil²³. No primeiro mundo, diz aquele autor, o desejo de intimidade se sobrepôs à consciência pública, ou melhor, à crença na coisa pública, no decorrer de um longo processo iniciado no século XIX. No Brasil, o predomínio do privado se deu de outra forma, mas também dificultou a formação da esfera pública moderna. O poder dos fazendeiros em suas grandes propriedades, o não-reconhecimento dos interesses públicos, a repressão dos movimentos sociais que pressionaram pelo reconhecimento dos direitos, a confusão entre os dois domínios levaram à cristalização da lógica da casa-grande e senzala, reproduzida em todos os espaços e instituições nacionais. O espaço público foi percebido e instituído como “quintal de minha casa” pelo dirigente, chefe, governante, caracterizando-se pelas relações clientelísticas que permeiam inclusive as formas de sociabilidade nas favelas e nos meios populares.

Liberalidade ou permissividade da vida íntima do brasileiro, que não é

bastante coesa para envolver e dominar toda a sua personalidade, integrando-a como peça consciente, no conjunto social. Ele é livre, pois, para se abandonar a todo o repertório de idéias, gestos e formas que encontre em seu caminho, assimilando-os frequentemente se maiores dificuldades.²⁴

Se Sérgio Buarque não fundamenta sua construção do caráter brasileiro no campo da sexualidade, a exemplo de Prado e Freire, que aliás cita e admira, participa de certa forma deste imaginário em busca da identidade nacional nos anos 30, ao enfatizar como principal traço da brasilidade o predomínio do emocional e do instintivo sobre o racional. Afinal, o “homem cordial” é um homem do coração, dos sentimentos e afetos. À flor da pele, exatamente como nos vêem os americanos.

Seria engano supor que essas virtudes (a lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade) possam significar “boas maneiras”, civildade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante.²⁵

196

Também aqui somos mais corpo que alma, mais imediatez que planejamento, mais “casa-grande e senzala” do que modernidade urbana. Por isso mesmo, não conseguimos realizar a esfera pública no Brasil, desenvolver laços efetivos de solidariedade, construir uma sociedade democrática e justa. A figura do “homem cordial”, essência do caráter brasileiro, impede a modernização, é um enorme obstáculo ao nosso desenvolvimento.

A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, ao s seus direitos ou privilégios, os mesmos privilégios que tinham sido, no Velho Mundo, o alvo da luta da burguesia contra os aristocratas.²⁶

Tradição do “vale tudo”: esse é o trágico legado das raízes históricas do Brasil. O que dá às relações de gênero, ou, se se

quiser, ao machismo brasileiro uma característica toda especial, pela ausência de limites. Infelizmente, o feminismo ainda não é forte o suficiente para gerar um contra-poder no mesmo nível, apesar de seu peso. As mulheres continuam achando que a sexualidade masculina é mais importante e necessitada, e que elas devem se submeter por um pedacinho de céu(?), enquanto os homens destroem e jogam fora o tesouro que se lhes oferece²⁷.

Como o “homem cordial” foi apropriado? Gilberto Freyre encontrou-o no mulato:

Evidentemente, o brasileiro que tem sua pinta de sangue africano ou alguma coisa de africano na formação de sua pessoa; não o branco ou o “européu” puro, às vezes cheio de reservas; nem o cabloco, de ordinário, desconfiado e que ri pouco.”²⁸

O mulato que sai de baixo social e etnicamente: o “riso abundante” característico de nosso mulato não advém da raça mas de um desenvolvimento ou especialização social, por causa das condições de ascensão social que teve o mulato através da vida livre. Segundo Freyre, o mulato procurou vencer o branco, agradando o “povo”, os clientes, sorrindo. Seu riso foi um instrumento de ascensão social – na passagem de uma raça para outra, e de uma classe para outra, o que se explicaria pela ação do meio cultural sobre o indivíduo²⁹. Finalmente, ele é identificado ao “homem cordial” por ser “criador de intimidade”, que revelaria um desejo dos mulatos em ascensão de encurtar a distância com os brancos³⁰. “No uso brasileiro do diminutivo, uso um tanto dengoso, ninguém excede ao mulato.” Mas o mulato é efeminado: “Socialmente incompleto, o mulato procura completar-se com esse esforço doce, oleoso, um pouco feminino”³¹. Ao mesmo tempo, Freyre procura destruir a idéia de inferioridade intelectual do mestiço.

O SENTIDO SEXUAL DA COLONIZAÇÃO

Já Caio Prado, em *Formação do Brasil contemporâneo* (1942), inaugura a tendência marxista de interpretação histórica, apontando para a infraestrutura econômica com lugar de inteli-

gibilidade da história. O historiador inicia o livro com o capítulo sobre o “Povoamento”, em que focaliza a constituição sexual da população, já que a relação sexual permite a miscigenação das raças e o surgimento da população. Ela é pois condição de possibilidade de todas as demais dimensões da vida em sociedade, isto é, das relações produtivas abordadas nos capítulos “Vida Material” e da “Vida Social”. Nesse sentido, a sexualidade está na base da economia e da sociedade, já que é da fusão sexual produzida pela mistura das raças que nasce o povo brasileiro.

A licença dos costumes, que sempre foi a norma do Brasil Colônia, (...) teve ao menos esta contribuição positiva para a formação da nacionalidade brasileira: e graças a ela que foi possível amalgamar e unificar raças tão profundamente diversas, tanto nos seus caracteres étnicos como na posição relativa que ocupavam na organização social da Colônia.

198 Não é pois por acaso que Caio reproduz *ipsis literis* as teses de Gilberto Freyre, no capítulo “Raças”. Aí, o marxismo dá lugar a outro tipo de análise e o autor não se importa, pois trata-se para ele, ao contrário do autor que reproduz, de falar de superestruturas, perfumarias. Destaco este capítulo, em que Caio explica que o “cruzamento das raças” foi o que mais contribuiu para a absorção do indígena, o que se deu não por providência oficial, mas

agiu para este fim como no caso paralelo e análogo do negro, o impulso fisiológico dos indivíduos de uma raça de instinto sexual tão aguçado como a portuguesa³²

Aliás, a mestiçagem,

signo sob o qual se forma a nação brasileira, e que constitui seu traço característico mais profundo e notável, foi a verdadeira solução encontrada pela colonização portuguesa para o problema indígena.

A mestiçagem brasileira é antes de tudo uma resultante do problema sexual da raça dominante, e por centro o colono branco. Neste cenário em que três raças, uma dominadora e duas dominadas estão em contato, tudo naturalmente se dispõe ao sabor

da primeira, no terreno econômico e social, e em consequência, no das relações sexuais também³³.

A mestiçagem “resulta da excepcional capacidade do português em se cruzar com outras raças”³⁴. Ele explica que isso se deve grande parte pela forma da emigração dos portugueses, que vieram sós. “A falta de mulheres brancas sempre foi um problema de toda colonização européia em territórios ultramarinos (...)”. Aí cita a nota 40 – de Gilberto Freyre, é claro. Logo, o colono é forçado a procurar aí a satisfação de suas necessidades sexuais.

Aliás, particularmente, no caso da Índia, é notória a facilidade com que se entregava, e a indiferença e passividade com que se submetia ao ato sexual. A impetuosidade característica do português e a ausência total de freios morais completam o quadro: as uniões mistas se tornaram a regra.

Em seguida, fala sobre a mestiçagem...

convenção tácita que se harmonizava o preconceito de cor, paradoxalmente forte neste país de mestiçagem generalizada(...).

CONCLUINDO

Para concluir, uma questão: para quem olhavam estes autores? De que povo falavam? Ocorre-nos focalizar a cultura operária do período, as greves e manifestações que pipocaram entre os anos 10 e 20, nos centros urbanos, os imigrantes estrangeiros e os trabalhadores nacionais, que como sabemos hoje eram explorados ilimitadamente nos espaços de produção. De onde vinha a indolência a que se referem? De quem falavam estes autores que não liam Maria Lacerda de Moura, ou Pagu?

NOTAS

¹Veja-se a respeito HERSCHMANN, Micael M. e PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (orgs.). *A Invenção do Brasil moderno*. Medicina, Educação e Engenharia nos anos 20-30. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

²PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a tristeza brasileira*. 3ª ed. São Paulo, s/ed., 1929. Para uma análise da obra deste autor, veja-se BERIEL, Carlos. *Paulo Prado: a obra do Tietê*. Tese de Doutorado; FREYRE, Gilberto. *Casa-*

grande e senzala. 2ª ed. Rio de Janeiro, Schmidt Editor, 1936; HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994, 2ª ed.; PRADO JR, Caio. *Evolução política do Brasil*.

³ VAINFAS, Ronaldo. *Trópico do pecado*. Rio de Janeiro, Campus, 1989, p.65.

⁴ Vide a respeito Richard Parker. *Corpos, prazeres e paixões. Cultura sexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 22.

⁵ *Idem*, p. 23.

⁶ Ver Paulo Prado.

⁷ ANDRADE, Mário de. *Macunaíma. O herói sem nenhum caráter*. 18ª ed. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1981.

⁸ ANDRADE, *op. cit.*, p.32.

⁹ Ver John Luccock, p. 127.

¹⁰ ABRAHAM, Thomas. *Foucault y la ética*. Buenos Aires, Editorial Biblos, 1988, p. 175.

¹¹ RAMINELLI, Ronald. *Imagens da colonização*; VAINFAS, Ronaldo Vainfas. *Trópicos do pecado*.

¹² FOUCAULT, M. *História da sexualidade. A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1979, vol. 1.

¹³ Veja-se RAGO, Margareth. *Prazeres da noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

¹⁴ VASCONCELLOS, 1888. In JURANDIR, *op. cit.*, p. 191 e PARKER, *op. cit.*, 125.

¹⁵ Veja-se SWAIN, Tania Navarro. "Feminino/masculino no Brasil do século XVI: um estudo historiográfico", 1996, mimeo.

¹⁶ Ver Gilberto Freyre, p.60.

¹⁷ *Idem*, p.68.

¹⁸ *Idem*, p. 8.

¹⁹ Ver Paulo Prado, p. 21.

²⁰ *Idem*, p. 54.

²¹ *Idem*, p. XXI.

²² Ver Sérgio Buarque, p. 104.

²³ SENNETT, Richard. *O declínio do homem público*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

²⁴ Ver Richard Sennett, p. 112.

²⁵ Sérgio Buarque, *op. cit.*, p.107.

²⁶ *Idem*, p. 119.

²⁷ *Visões do Paraíso* (1958) permite trabalhar esta idéia da autoconstrução de nossa identidade nacional a partir da sexualidade forte e primitiva. Afinal, mostra que aqui vieram os portugueses buscando a "cópia do Eden", o Paraíso perdido, ao contrário dos calvinistas da Nova Inglaterra que buscavam no Eden "abrigo" para sua própria igreja perseguida. No Paraíso, onde o homem era livre, onde as regras inexistiam, a vegetação era abundante, dádiva da natureza, o pecado não existia. Novamente as imagens das índias nuas se

oferecendo aos portugueses, dos índios avessos ao trabalho, das práticas de incesto e licenciosidade ilimitada no Inferno Atlântico.

²⁸ FREYRE, Gilberto, *Sobrados e mucambos*, p. 644.

²⁹ *Idem*, p. 645.

³⁰ *Idem*, p. 646.

³¹ *Idem*, p. 647.

³² Ver Caio Prado, p. 98.

³³ Caio Prado, p. 110.

³⁴ *Idem*, p.107